

Age. Comm: Investigar e intervir em comunidades envelhecidas

Investigar e analisar o processo de envelhecimento, na sua multidimensionalidade dinâmica, deve ser um propósito fundamental para enquadrar a intervenção em comunidades envelhecidas. A Organização Mundial da Saúde (WHO, 2016) refere que é essencial adotar uma metodologia de recolha de dados sobre a população idosa que fundamente e valide políticas e estratégias integradoras, segundo o modelo de envelhecimento ativo (WHO, 2002). Também Skinner, Andrews & Gutchin (2019), na mesma linha, argumentam que o desenvolvimento da investigação, de políticas e programas não pode ser feito sem o conhecimento dos contextos onde ocorre o envelhecimento, ou seja, onde é vivenciado, por diferentes pessoas em diferentes lugares. Por isso, é preciso contextualizar os processos de envelhecimento nos territórios, de modo a alicerçar políticas integradas de envelhecimento que, de forma fundamentada, respondam às reais necessidades das populações e apoiem o aparecimento de novos modelos organizacionais centrados nas especificidades dos recursos existentes e nas características e expectativas das populações.



Maria João
Guardado
Moreira
PhD
Professora
Coordenadora
da Escola Superior
de Educação
do IPCB
mjgmoreira@ipcb.pt



Lucinda Sofia
Almeida
Carvalho
PhD
Professora Adjunta
da Escola Superior
de Saúde Dr.
Lopes Dias
do IPCB
lucindasofia@ipcb.pt

É, pois, necessário reconfigurar o quadro de investigação que analisa as repercussões deste fenómeno. O conceito de comunidade funcional afigura-se-nos como um paradigma que deve orientar a procura da compreensão do fenómeno do envelhecimento das populações, numa perspetiva sistémica, holística e sustentável. Na verdade, é preciso criar estratégias e instrumentos que promovam a adaptação das comunidades às necessidades de uma sociedade cada vez mais longeva, numa perspetiva do indivíduo e dos ciclos de vida (Dannefer, Settersen, 2010; Settersten, 2017), mas também das comunidades.

Para que as comunidades possam ser funcionais para todas as idades e, particularmente, para a população mais velha, é necessária investigação que apoie o desenho de novos modelos de intervenção, sempre norteados por uma visão sistémica, ponderando os fatores individuais, mas também os recursos sociais e de saúde que existem nas comunidades. A resposta aos desafios das alterações demográficas sentidas nas regiões do interior tem, portanto, que passar pela mobilização e articulação dos diferentes parceiros da comunidade, bem como, com o envolvimento e inclusão das pessoas mais velhas, através de ações que promovam a sua participação social. É nesta premissa que a Age.Comm – Unidade de Investigação Interdisciplinar – Comunidades Envelhecidas Funcionais, do Instituto Politécnico de Castelo Branco, desenha a sua intervenção, reunindo num espaço comum um conjunto de investigadores de diferentes áreas científicas, desde as ciências sociais e do comportamento,

educação, tecnologias da informação e comunicação e de várias especialidades das ciências da saúde. Para a sua concretização definiu como missão compreender o fenómeno do envelhecimento das populações, particularmente a análise da forma como as comunidades dos territórios mais envelhecidos do interior português lidam com os processos de envelhecimento, contribuindo para o desenvolvimento de comunidades funcionais, através da produção e disseminação de conhecimento que apoie a definição de estratégias que possibilitem o bem-estar e autonomia das pessoas idosas, a sua integração e participação na vida local e no desenvolvimento dos territórios. É neste contexto, e precisamente no sentido de apoiar a definição de estratégias e planeamento para a capacitação adaptativa/funcional por parte das comunidades, sempre com uma dimensão multidisciplinar, que se enquadra a ação da Age.Comm, tanto nos projetos de investigação que tem desenvolvido, como na prestação de serviços (consultadoria; assessoria; acompanhamento de projetos e candidaturas; formação). Este campo de investigação serve, por outro lado, como modelo para o estudo de outras regiões com características semelhantes, nacionais, transfronteiriças ou outras regiões europeias, contribuindo e promovendo a transferência de conhecimentos. Neste âmbito, a criação do Observatório do Desenvolvimento e Inovação de Comunidades Envelhecidas (ODICE) configura-se como um instrumento científico de observação fundamental para a missão da Age.Comm, no quadro dos pressupostos anteriormente

enunciados, constituindo-se como um instrumento de interligação, e numa lógica de transferência de conhecimentos, entre a academia e a comunidade. Tem como objetivo acompanhar a evolução do fenómeno do envelhecimento nos territórios do interior, conhecer e identificar as necessidades sentidas pelas pessoas idosas e pelos seus cuidadores, identificar e caracterizar os recursos sociais e de saúde, fundamentar propostas de projetos de investigação-ação, envolvendo entidades responsáveis por políticas públicas e serviços sociais e de saúde, direcionadas a responder aos desafios do processo de envelhecimento das pessoas nas suas comunidades

A Unidade de Investigação Age.Comm estrutura a sua investigação e intervenção através de uma ampla colaboração com decisores locais, regionais e nacionais, instituições e organizações públicas e privadas, assim como através da associação a outros centros de investigação de forma a aumentar a sua capacidade de obter resultados que possam responder às necessidades da população e servir de fundamento mais avalizado para orientar e definir decisões políticas e a atribuição de recursos. Neste contexto, integra a equipa que criou o primeiro Centro de Referência para o Envelhecimento Ativo e Saudável do Interior da Região Centro (AgeINfuture) que reúne investigadores da Universidade da Beira Interior (que coordena) e dos Institutos Politécnicos da Guarda e Viseu. Centro que, além de fazer parte da rede portuguesa RePEEnSA, foi recentemente reconhecido através do Active and Healthy Ageing Reference Sites e Comissão Europeia

por demonstrar a existência de estratégias abrangentes para promover a inovação em saúde e cuidados numa abordagem ao longo da vida para o envelhecimento ativo e saudável. O consórcio AgeINfuture organiza-se com base num modelo de “Hélice Quádrupla” que inclui parceiros da indústria, sociedade civil, academia e investigação e autoridades governamentais. O envelhecimento bem-sucedido e saudável é uma construção multidimensional, que inclui, mas não se limita à presença ou ausência de doença, mas também a elementos de mobilidade, funcionalidade, ambiente e participação social (Dev 2020). As necessidades de adaptação das sociedades ao processo do envelhecimento enquanto elemento fundamental no ciclo de vida, não diminuiu nas últimas décadas. Pelo contrário, existe uma premente necessidade de conhecer a realidade atual e de como intervir, com programas que sejam simultaneamente capazes de responder ao desafio societal do envelhecimento, encarando-o como uma janela de oportunidade para implementar programas que visam proactivamente a população em maior risco de fragilidade e de exclusão. É perceptível que tem de existir um conhecimento das características e necessidades das pessoas mais velhas e de que forma estas se integram no território e que respostas se adequam às especificidades deste. A Age.Comm aporta uma amplitude e profundidade de perspetivas sobre a construção de um envelhecimento ativo e saudável que complementam e expandem as tradições teóricas e de investigação existentes.

No contexto do atual quadro demográfico é preciso aliar os diversos atores com capacidade de decisão e de intervenção numa mesma plataforma de atuação, unindo os diferentes fatores (inclusão tecnológica, cuidados de saúde e bem estar personalizados, participação social, educação, ambiente, Silver Economy e instituições e organizações públicas e privadas), na construção de um estilo de vida mais participativo e inclusivo. Tendo em consideração o posicionamento no território, assim como o seu conhecimento teórico e científico das realidades e necessidades das populações mais envelhecidas, a Age Comm pode contribuir e desempenhar um papel preponderante (liderança) neste desafio demográfico, partilhando com as comunidades um conjunto de conhecimentos e de inovação.

Referências bibliográficas:

- Dannefer, D., & Settersten, R. (2010). The study of the Life Course: Implications for Social Gerontology. In D. Dannefer & C. Phillipson (Eds.), *The SAGE Handbook of Social Gerontology* (pp. 3-19). London: SAGE.
- Dev, R., Zaslavsky, O., Cochrane, B., Eagen, T., & Woods, N. F. (2020). Healthy aging through the lens of community-based practitioners: a focus group study. *BMC geriatrics*, 20(1), 1-10.
- Liotta, G., Canhao, H., Cenko, F., Cutini, R., Vellone, E., Illario, M. & Marazzi, M. C. (2018). Active ageing in Europe: adding healthy life to years. *Frontiers in medicine*, 5, 123.
- Skinner, M. W., Andrews, G. J., & Cutchin, M. P. (Eds.) (2019). *Geographical gerontology. Perspectives, concepts, approaches*. Routledge
- World Health Organization [WHO]. (2002). *Active ageing: A policy framework*. WHO.
- World Health Organization [WHO]. (2016). *Imaginetomorrow: Report on the 2nd WHO global forum on innovation for ageing populations*. WHO.
- World Health Organization [WHO]. (2017). *Age-friendly environments in Europe: a handbook of domains for policy action*.